

Cultura, Política e Mídia:

Imagens e Amálgamas da Crise Brasileira ¹

Rita de Cássia Aragão Matos²

Docente dos Bacharelados Interdisciplinares e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos\Universidade Federal da Bahia.

Resumo

O presente texto procura compreender alguns aspectos relacionados ao lugar ocupado pelos meios midiáticos de comunicação no cenário que levou ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e à instauração do governo de Michel Temer. Procura-se analisar algumas estratégias discursivas as quais produziram representações das manifestações públicas e reforçaram a desqualificação da presidenta bem como o protagonismo de representantes do poder judiciário, com especial destaque para os líderes da Operação Lava-Jato .

Palavras-chave

Mídia, Crise, Discurso, Brasil, Imagens

Já se tornou lugar comum afirmar que no solo contemporâneo o campo midiático condiciona de maneira profunda os modos de existir dos sujeitos. Seja na esfera pública ou na esfera privada estamos todo o tempo em permanente contato com imagens, vozes, apelos, informes, risos, provocações desta ambiência onipresente.

Seja ao penetrar no consultório médico, no restaurante, no interior do transporte público, nos corredores de shopping centers, nas ruas movimentadas ou no espaço doméstico, independentemente do lugar, público ou privado, estaremos em contato com as redes sociais, os aparelhos de TV.

Por certo, tal experiência está imbrincada ao desenvolvimento de novas tecnologias, de interesses econômicos, de uma nova ordem dominante sob a lógica do capitalismo.

Sob tal lógica, a chamada midiatização (1) está encarnada no ambiente religioso, quando, de modo evidente, é tangível na maneira como continuam a se expandir e atuar as

chamadas igrejas evangélicas; ao mesmo tempo, tal fenômeno é observável no campo das artes, da educação, do trabalho e, de modo particular, no modo como passa a se organizar o campo político.

De imediato, os jogos de poder neste âmbito em sua relação com a mídia em um país como o Brasil torna-se evidente sobretudo através do monopólio dos meios. Cerca de 8 famílias detêm a hegemonia da produção e distribuição de conteúdo através de um sistema de comunicação constituído por TVs, emissoras de rádio, portais de internet, jornais e revistas impressos. (2)

Se uma análise estrutural demonstra a dominação destes grupos através da posse do sistema de comunicação e sua relação com a esfera política, econômica de grupos religiosos, é através de uma análise das formas de representação encarnadas nos textos midiáticos que materializa-se de modo evidente o discurso dominante.

A potência da circulação destes dizeres não está amparada apenas na sua onipresença, mas na legitimidade dos enquadramentos propostos, ainda que expressem tensões e conflitos. Tais enquadramentos frequentemente operam sob o comando de interesses definidos, orientando miradas dos sujeitos, sua leitura de mundo.

Através de revistas, jornais, portais de internet, redes sociais em geral, de emissoras de rádio os textos espriam-se. Originários dos setores hegemônicos produtores de conteúdos intentam orientar a leitura de distintas fatias do público nos mais distintos lugares, entre os mais diversificados segmentos sociais.

Os textos operam em sua relação com os leitores, o público, através do manejo de complexos elementos textuais, de escolhas estéticas – cores, formas, áudio, ângulos de fotografias, vestuário, elementos linguísticos, verbetes, manchetes, legendas. São elementos expostos à leitura, necessários à captura do leitor.

Assim, todo este conjunto de elementos é exposto à voracidade do olhar dos leitores de notícias, dos sujeitos em busca de informações, ou de distração, na vivência cotidiana.

Sem embargo, na arena política o campo midiático protagoniza em todo o mundo processos eleitorais, desenlaces de crises, a construção ou demolição da imagem de figuras públicas. Neste sentido, no cenário político do Brasil, acontecimentos que culminaram no *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, na prisão do ex-presidente

Luis Inácio Lula da Silva e na eleição de Jair Bolsonaro, expõem o papel decisivo do campo midiático .

Apesar da vertigem dos acontecimentos, diversas análises elaboradas por estudiosos dos mais diversos matizes e campos de estudo, sob a pressão da gravidade do presente, enfrentam o desafio de compreender de que modo os enquadramentos regulados pela mídia hegemônica foram decisivos para o desfecho do processo de afastamento de Dilma Rousseff, do sucesso da chamada Operação Lava-Jato, da condenação do ex-presidente Lula e decisivos ainda em relação ao resultado das eleições de 2018.

Os estudos propostos assentam-se em análises diversas – sobre o contexto de produção dos discursos, privilegiando a crise econômica, a crise política, as relações entre lideranças e movimentos sociais. Ademais, consideram os processos de leitura dos sujeitos e suas ações, observadas, por exemplo, em relação aos protestos ampliados desde 2013.

As pesquisas acerca da crise brasileira atual, em uma perspectiva macroestrutural, procuram compreender as complexas articulações entre o Parlamento, a esfera jurídica, os movimentos sociais e a mídia. Demonstram importantes relações entre grupos de mídia, interesses políticos e econômicos bem como a decisiva participação do capital oligopolista na crise brasileira. (3)

Estas rápidas anotações pretendem oferecer uma contribuição para o entendimento da crise brasileira atual, tomando como objeto a compreensão do modo como o campo midiático assume o protagonismo do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e sobre o processo de visibilização da Operação Lava Jato. Para tanto, busca-se dialogar com alguns estudos os quais demonstram de que modo as mídias hegemônicas construíram narrativas importantes as quais buscaram orientar as interpretações dos sujeitos sobre a crise e as possíveis saídas para sua superação.

O PROTAGONISMO DA MÍDIA NA CRISE BRASILEIRA ATUAL – O ESFACELAMENTO DE DILMA ROUSSEFF E O ESPETÁCULO DA LAVA-JATO

A estratégia deflagrada pela mídia hegemônica ao longo do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, o qual resultou na sua substituição pelo vice-presidente

Michel Temer e em seguida conduziu à eleição de Jair Bolsonaro manteve determinadas constantes em torno de construções discursivas.

Neste processo, inicialmente, foi ampliada a visibilidade de setores da sociedade civil, sobretudo através de protestos os quais tomaram as ruas das maiores cidades brasileiras. Os protestos, ampliados a partir de 2013, miravam os governos em geral e em especial o Governo Federal, liderado pelo Partido dos Trabalhadores. Ampliava-se a crítica aos serviços públicos. Recrudesceram imediatamente após a vitória de Rousseff para o segundo mandato presidencial, em 2014.

A cobertura dos protestos organizados por segmentos da população, em particular de setores da classe média dos grandes centros urbanos, somou-se a uma mesma lógica, organizada sob a gramática do espetáculo na visibilização de ações da Polícia Federal, sobretudo coordenadas pela Operação Lava Jato, que supostamente tinha como objetivo o combate à corrupção.(4)

Com efeito, os grandes veículos da imprensa brasileira dedicaram expressivo espaço em suas coberturas tanto às ações da PF quanto aos protestos que ganhavam as ruas.

Se por um lado telejornais, as páginas dos maiores portais de imprensa, os meios impressos construía a notoriedade de policiais federais e personagens do poder judiciário, elevando-os à condição de celebridades, de heróis na batalha contra o mal da corrupção, fez retornar formas de dominação amparadas em atitudes autoritárias nas mais diversas dimensões. (5)

Além do amparo a medidas ilegais realizadas por agentes do estado, a exemplo de conduções coercitivas, gravações sem o devido amparo legal de escritórios de advocacia, inclusive a gravação e divulgação de uma conversa entre a então presidenta Rousseff e o ex-presidente Lula da Silva, veiculada no telejornal da Rede Globo de Televisão, a grande mídia fomentou o ódio da população na medida em que adversários políticos passaram a ser identificados como inimigos, nomeados de corruptos.

Exemplos são fartos desta conversão de adversários em inimigos. Pode ser traduzida em imagens de capas de jornais e revistas ou nas reportagens de TV bem como na exibição de bonecos gigantes representando as figuras de Lula e Dilma vestidos de presidiários ou simulando seu enforcamento. Tais figuras desfilaram nas ruas das grandes cidades durante os protestos.



A representação da eliminação física do adversário político expõe o clima de radicalização política. A Revista *Veja*, até então, semanário de maior circulação do país, traz um exemplo emblemático desta posição na edição de nº.2496, quando estampa em sua capa a figura da cabeça do ex-presidente Lula da Silva decepada.

Tal imaginário de violência, representado em imagens como esta capa da revista *Veja*, alimenta o olhar, mas vai além na medida em que traduz fatos concretos vividos no cotidiano: a violenta campanha política que resultou no assassinato de diversos oponentes, o atentado que resultou na execução da vereadora Marielle Franco, do PSOL, e seu motorista Anderson Gomes, no Rio de Janeiro, a pantomima do então candidato Bolsonaro, a simular uma arma em punho eliminando os seus opositores. (6)

Vale dizer que ao afirmarmos que a mídia ao mesmo tempo potencializa e traduz ações concretas dos sujeitos, reiteramos o seu protagonismo na tessitura do poder, contudo, não estamos retomando o paradigma clássico que debitava à mídia a capacidade de manipulação das consciências, levando a fenômenos como o nazismo. Embora estudos clássicos tenham contribuído de modo indiscutível para a compreensão dos mecanismos envolvidos no potencial de influência da mídia mereceram uma importante revisão na medida em que consideravam haver um poder ilimitado do campo midiático, silenciando diversos outros fatores de ordem sociocultural. (7)

Sem embargo, os estudos clássicos sobre o campo midiático inauguraram o reconhecimento da sua importância na contemporaneidade. Tal importância ampliou-se e demanda hoje um tipo de reflexão que seja capaz de compreender a potência deste campo sobretudo em sua relação com a realidade na qual se inscreve. Ou seja, torna-se fundamental ampliar o espectro da análise inscrevendo o campo midiático considerando especificidades de cada uma das formações históricas, as formas culturais. Compreender que é a partir de um mundo histórico concreto, singular, que emerge a centralidade da mídia nos processos de construção de representações sobre o mundo.

Corroborando com tal perspectiva, reiteramos que inúmeros estudos demonstram que em diversos momentos da vida política nacional a mídia hegemônica teve um papel fundamental no curso dos acontecimentos. A saída de cena de Getúlio Vargas, seu trágico suicídio, em 1954, e a derrubada de João Goulart, em 1964, são dois momentos emblemáticos desta participação da mídia nos destinos do país. (8)

Considerando a singularidade desta sociedade marcada por uma profunda exclusão social, a concentração dos meios de comunicação, a precipitação de uma profunda crise econômica, é evidente que não seria razoável considerar a mídia como personagem secundário na crise que levou Michel Temer ao poder e Jair Bolsonaro à presidência da República.

Nesta perspectiva, para compreendermos a crise política que culminou no *impeachment* de Rousseff, na prisão de Lula da Silva e em seguida no resultado das eleições de 2018, faz-se mister considerar que tal cenário foi gestado no coração de um governo reeleito porém marcado por um profundo esgarçamento da sociedade, crescente sobretudo durante a campanha política de 2013. É marcado ainda por uma grave crise econômica mundial e que se aprofundou no Brasil e, sobretudo, um posicionamento ainda mais agressivo dos Estados Unidos sobre a América Latina. Importante lembrar que diversos países desta região foram governados pela centro-esquerda durante parte dos anos 2000, a despeito dos interesses americanos na região .(9)

Após estas rápidas ponderações acerca do lugar da mídia no cenário atual, particularmente no contexto da crise brasileira, tentaremos a seguir demonstrar seu protagonismo no cenário da crise. Propomos como caminho de análise a observação de algumas operações discursivas visibilizadas durante o período que resultou no *impeachment* e, em um segundo momento, na estratégia de visibilização da Operação Lava-Jato.

Nosso propósito é, em diálogo com alguns estudos, apontar importantes estratégias operadas pela mídia hegemônica as quais foram decisivas para a derrota da centro-esquerda, de modo particular a desconstrução da legitimidade do governo reeleito e liderado pelo Partido dos Trabalhadores.

NARRATIVAS DA DESCONSTRUÇÃO

Dilma Rousseff não governou. Não no segundo mandato. Após as eleições marcadas pelo acirramento da disputa e o não reconhecimento da derrota pelo candidato do PSDB Aécio Neves, o prenúncio do caos já se avizinhava quando em 2013 violentos protestos organizados por diferentes interesses posicionaram-se contra quase tudo e contra quase todos: contra a realização da Copa do Mundo de 2014; contra as Olimpíadas no Rio de Janeiro; contra a baixa qualidade dos serviços públicos; contra a corrupção na política; contra as tarifas dos transportes; contra o monopólio dos meios de comunicação. (10)

Em um primeiro momento, ainda sem perceber com clareza o potencial dos protestos no processo de desestabilização do governo recém-eleito, grupos hegemônicos da mídia como Globo, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo posicionavam-se com certo comedimento, chegando mesmo a criticar com veemência o potencial de destruição de “arroaceiros”, alguns dos quais destruíram fachadas de bancos, de lojas, equipamentos públicos e mesmo instalações de grupos de comunicação.

A indignação de grupos organizados como o “Movimento Brasil Livre”, ou de segmentos como estudantes em luta pelo direito ao passe livre, ou ainda de sem-teto na luta pela moradia ou setores de classe média contra políticas de inclusão foi capturada por determinados grupos de interesse cujo objetivo de destituir a presidenta eleita foi tomando forma. (11)

Deste modo, o potencial explosivo das manifestações de rua, o crescimento da insatisfação popular, juntamente com a organização cada vez mais iminente de movimentos como MBL e Vem pra Rua vertem-se em elementos que deveriam ser elogiados pelos meios em função de um objetivo que foi alinhavado por segmentos até então dispersos e que passam a aproximar-se: a derrubada do governo recém-eleito.

É evidente a mudança de posicionamento da mídia hegemônica. Observa-se a notória diferença entre as narrativas no início dos protestos e, em segundo momento, quando os movimentos de rua de certo modo abandonam as reivindicações pela melhoria dos serviços públicos e são convertidos em um movimento pró-*impeachment*.

Não apenas os veículos impressos como os jornais já citados e revistas como Veja, Época e Isto É mudam de posição. Evidencia-se uma mudança de enquadramento dos movimentos que tomam as ruas.(12)

A cobertura dos protestos amplia-se em termos de espaço e de interesse do público em geral. De uma narrativa que expunha a fragmentação dos movimentos em torno de interesses variados, passa-se a um denominador comum: o combate à corrupção. Tal combate encontra um alvo explícito: o Partido dos Trabalhadores.

Rapidamente entidades como a FIESP, Federação das Indústrias de São Paulo, e o recém-criado Movimento Brasil Livre, ganham cada vez mais notoriedade na tomada das ruas. A cobertura jornalística assimila elementos que buscam demonstrar o crescimento exponencial da indignação nacional. Enquadrados através de instantâneos fotográficos que mostram o vigor dos manifestantes; de imagens que exibem a efervescência das ruas, de legendas e entrevistas que exploram a histeria coletiva. As manifestações são

convertidas em grandes espetáculos os quais parecem tender a provocar ainda mais indignação em uma sociedade cada vez mais radicalizada.

Se os protestos exibem as fissuras do país, fissuras regionais, de classe, de identidades múltiplas, a narrativa de setores da mídia hegemônica naquele momento trabalha no sentido de minimizar as clivagens e fazer convergir os protestos em torno de duas narrativas fundamentais e indissociáveis: o combate à corrupção e a derrubada do governo.

De que modo foi possível chegar a este denominador comum? Extraíndo das manifestações aquilo que poderia aglutinar sua energia dispersa, fazendo convergir ideários que comumente aproximam os “cidadãos”, traduzidos como “patriotas”, “pessoas do bem”, enfim, todos que lutam “contra a corrupção”. Tal identidade é forjada através das camisas amarelas da seleção brasileira de futebol vestidas por grande parte dos manifestantes; das performances ensaiadas, sobretudo por jovens de classe média; do destaque conferido a entrevistas emocionadas concedidas por “celebridades”.

Tal narrativa faz retornar o “pêndulo”, a ideia de ordem, de autoridade contra o caos,



contra os desmandos de um país que, segundo tal esquadro, estaria à deriva.(13).

Além da retomada de um discurso nacionalista, o fio condutor da narrativa midiática apontou para o recrudescimento da violência institucionalizada ou não. Se, de um lado, multiplicaram-se as imagens de bonecos gigantes vestidos de presidiários ou ainda simulando o enforcamento de Lula e Dilma Rousseff, ao mesmo tempo, seus antagonistas passam a figurar como novos heróis da República: membros da Polícia Federal, procuradores do Ministério Público e, de modo singular, figura como herói o nome de um juiz de primeira instância do estado do Paraná: Sergio Moro.

Ademais, se o enquadramento dos protestos foi visibilizado através de manchetes que mobilizaram a ampliação da adesão ao movimento de derrubada da presidenta, utilizando como gramática elementos do espetáculo, ao mesmo tempo a cobertura das manifestações contrárias ao *impeachment* foram pouco visibilizadas utilizando-



se estratégias tradicionais do jornalismo como a redução do seu tempo de exibição nos

telejornais, ou matérias reduzidas nos veículos impressos. Estratégia mais sofisticada também operada foi a definição do seu alcance, a exemplo das manchetes abaixo:



Reiteramos contudo que embora considerados atores importantes no processo de construção da realidade, os meios de comunicação não dominam por completo o processo de produção de sentidos. Portanto, partimos do pressuposto de que os sentidos não estão aprisionados nas páginas de jornais, não são subordinados à fala de âncoras de telejornais, não saltam das páginas das redes sociais, mas constituem-se a partir da relação dos sujeitos com os textos, com as vozes ditas, com as narrativas construídas sob o condicionamento de ordem sociocultural, histórica, subjetiva, sob a organização da esfera privada e da esfera pública.

A partir desta perspectiva, consideramos que as possibilidades de leitura e tomada de posição dos sujeitos sobre a crise política, a posição diante do processo de *impeachment*, a Lava Jato, as manifestações no país não podem ser desvinculadas de uma memória histórica, do solo cultural, das condições sociais de produção dos discursos sobre o mundo, das estratégias de produção do discurso protagonizadas pela mídia.

Neste sentido, para compreendermos, por exemplo, a desqualificação de Dilma Rousseff como presidenta da República não basta a leitura na superfície de adesivos exibidos nos automóveis, tal como o exemplar abaixo



ou a leitura de materiais como a da Isto É que caracteriza a presidenta como uma mulher histérica e descontrolada diante da crise, mas exige um olhar crítico capaz de compreender sua vinculação com uma história de preconceito e exclusão da mulher, sua desqualificação enquanto sujeito político.

A construção de um enquadramento norteado pela desqualificação de uma mulher presidente no universo da política, tradicionalmente um universo dominado por homens, encontra eco em uma sociedade fortemente marcada pela misoginia.

Diversas análises demonstram tal operação midiática em seu reforço aos valores conservadores no tratamento da mulher presidenta, seja silenciando a história política de Dilma Rousseff, seja privilegiando, comparativamente, valores tradicionais de outras figuras femininas, como na edição da Revista Isto É, que traz na capa a esposa de Michel Temer, Marcela Temer, destacando os valores tradicionais da família, da esposa. (14)

Se o enquadramento da mídia conservadora reforça a imagem de uma mulher desqualificada para o cargo de presidente e eleva os valores femininos tradicionais, ao mesmo tempo estabelece o momento de ressaltar as qualidades de um líder que se prepara para assumir a presidência da república do Brasil, recolocar o país nos eixos: Michel Temer.



Utilizando elementos tradicionais da linguagem jornalística, Temer é traduzido na capa de revistas como a Veja e a Isto É como um homem equilibrado, sensato, um estadista experiente em detrimento da figura da presidenta que atua sob fortes “explosões nervosas”.

Sob sentidos deslizantes os quais retomam uma memória histórica a qual faz ver a mulher como ser desqualificado para certas funções, emerge a figura de homens que encarnam as qualidades inexistentes no governo de Rousseff: de um lado Temer é o homem público preparado para assumir a liderança de um governo então desgovernado; por outro lado, a figura de um dos homens mais importantes para pôr fim à era petista e dar início a um novo rumo ao país é magistralmente construída pelo discurso da mídia dominante: Sergio Moro.

Apresentado como um homem corajoso, justo, firme e ao mesmo tempo atendendo a elementos do *glamour*, necessários a um herói hiper-moderno, o juiz Sergio Moro, responsável pela Operação “Lava Jato”, a qual revelou escândalos de corrupção que envolvem a Petrobrás e as maiores empreiteiras do país e importantes empresários e

lideranças políticas, é construído como a figura mais emblemática na luta contra a corrupção no Brasil daqueles dias. (15)

Uma vez mais as capas de revistas e primeira página de jornais vertem-se em farto material para analisar as operações de linguagem desencadeadas para alçar o juiz de primeira instância de Curitiba à categoria do maior herói nacional da atualidade.

Conduzida por Moro, a Operação Lava Jato faz convergir os diversos elementos do espetáculo através de prisões televisionadas de supostos corruptos, de operações de busca e apreensão de documentos pela Polícia Federal em residências de luxo de empresários e políticos, na divulgação de grampos telefônicos de altos escalões, inclusive da presidenta da República e o ex-presidente Lula da Silva.

Órgãos nacionais e internacionais alçariam Moro ao mundo da fama nomeando-o como “personalidade do ano”, “líder mundial”, desfilando em salões nacionais e dos Estados Unidos de smoking em grande estilo. O juiz de primeira instância foi transformado em uma celebridade.

Os brasileiros estavam diante da clássica batalha entre o bem e o mal. Entre o juiz herói contra o mal, os corruptos, identificados fundamentalmente com um partido.

Algumas Anotações Finais

Diante de um quadro no qual os elementos do espetáculo capitaneados pela mídia tradicional assumem a ascendência sobre o modo de organização de campos como a política e a esfera jurídica, diversos críticos consideram haver um desdobramento importante neste processo de visibilização e silenciamento através da gramática espetacular: a desqualificação da política. (16)

Se por um lado há um acelerado processo de deslegitimação da política, compreendida pelos sujeitos cada vez mais como o lugar da “corrupção”, ideia largamente disseminada na mídia, diante deste quadro não por acaso determinados atores oriundos de um outro campo ou que se apresentam como “a nova política”, velha estratégia da direita brasileira, colhem os frutos da implosão das instituições e da esfera pública.

O Brasil foi convertido em um grande laboratório. A escalada de formas autoritárias representadas pela extrema direita, a instauração de um estado de exceção se impõem como um grande desafio não apenas para o entendimento dos mecanismos para sua instauração e permanência como para sua superação. (17)

Nesta perspectiva, se o século XX foi palco da violência protagonizada sobretudo pelos aparelhos repressores e armados, no século XXI a estratégia de dominação vai além das

velhas armas, munindo-se de estratégias de outra ordem. Na América Latina tal fenômeno é exemplar.

Assim, ao lado do campo jurídico, o campo midiático emerge como espaço fundamental para dar visibilidade aos atores e orientar a leitura das ações, a leitura de mundo dos sujeitos comuns.

Se a luta pelo poder traz como marca fundamental o domínio de estratégias simbólicas que operam no sentido de reforçar determinadas maneiras de interpretar o mundo, determinadas formas de representação, a compreensão da maneira como o campo midiático ressignifica o campo político é, nos dias que correm sobretudo, fundamental para que os sujeitos não apenas (re)construam representações contra-hegemônicas, mas compreendam a potência dos desdobramentos da construção de sentidos sobre sua experiência e sobre a História.

NOTAS

1. Sobre o conceito de midiatização ver VERÓN, Eliseo. Midiatização, novos regimes de significação, novas práticas analíticas? In: FERREIRA, Giovandro. Marcus; SAMPAIO, Adriano de Oliveira e FAUSTO NETO, Antonio (orgs.) *Mídia, Discurso e Sentido*. Salvador, Edufba, 2011.

2. No artigo “Mídia Concentrada no Brasil: Até Quando? Eula Dantas T. Cabral expõe a situação do monopólio da comunicação no país.

Disponível em <file:///C:/Users/Rita/AppData/Local/Temp/725-1975-1-PB.pdf>.

Acesso em: 21.05.2019.

3. Giovanni Alves propõe uma análise contextual da crise brasileira, buscando articular o cenário nacional e a crise mundial do capitalismo:

Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/.../o-golpe-de-2016-no-contexto-da-crise-do-capitalis...>

Acesso em 08.12.2018

4. Ver artigo “A Democracia Sequestrada”, de Luis Alberto Grijó, na *Revista Anos 90*, v.23, n.43, p.67-92, jul 2016, publicada pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4. Eduardo Costa Pinto propõe uma análise sobre a Operação Lava-Jato e a crise institucional no cenário brasileiro no texto: Lava Jato, Crise Institucional e perigo para a democracia. Não há nada tão ruim que não possa piorar.

Disponível em: www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/ienamidia/arquivo/050420180457_3.pdf

Acesso em 28.04.2018

5. Boaventura SANTOS, analis este tema no livro *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo, Boitempo, 2016. Importante também a leitura de AGAMBEN, Giorgio que propõe uma instigante discussão sobre o conceito Estado de Exceção em sua obra *Estado de exceção e genealogia do poder*, São Paulo, Boitempo Editorial, 2004. Rafael Valim, por sua vez, retoma a questão e a inscreve no contexto do Brasil atual em seu livro *Estado de Exceção: a forma jurídica do neoliberalismo*, São Paulo, Ed. Contracorrente, 2017. Ver ainda entrevista concedida pelo ex-magistrado italiano, que atuou na Operação Mãos Limpas, Gherardo Colombo. Publicada no Jornal *O Estado de S. Paulo*, em 15 de outubro de 2017.

6. Sobre a disseminação do ódio na política brasileira ver “ Eleições 2.0: Ódio nas redes durante a campanha presidencial de 2014. *Conexão Comunicação e Cultura*, UCS\Caxias do Sul, V.16; n° 31, Jan-Jun 2017, p.43-71, Jacques Alkalai Wainberg, Angelo Arlindo Carnieletto Muller.

7. Sobre os estudos das novas teorias da comunicação acessar o artigo de Erick Felinto “Da teoria da comunicação às teorias da mídia ou, temperando a epistemologia com uma dose de cibercultura Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/download/920/860
Acesso em 21.05.2019

8. Ver AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. *Opinião Pública*, 12 (1), 2006, pp. 88–113.

9. Ver a publicação “*Brasil 2016, recessão e golpe*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2017 e o artigo de Antonio Eduardo Alves de Oliveira apresentado no 40º Encontro Anual da ANPOCS, no ST 10 Democracia na América Latina, Tensões e Práticas.
Disponível em: www.anpocs.com/index.php/...a-america...analise...seculo-xxi/file
Acesso em 21.05.2019

10. Sobre esta questão, sugerimos a leitura do texto “Das ruas à mídia: representações das manifestações sociais . Maria Ivete Trevisan Fossá (Org.) . Porto Alegre, EDIPUCRS, 2015.

11. Jefferson Rodrigues Barbosa propõe uma análise do MBL e outros movimentos em seu texto “Entre as ruas e os gabinetes - Institucionalização e contestação nos movimentos sociais”, apresentado no 41º Encontro Anual da ANPOCS.
Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt11-15/11078-movimento-brasil-livre-mbl-e-estudantes-pela-liberdade-epl-ativismo-politico-think-tanks-e-protestos-da-direita-no-brasil-contemporaneo/file>.
Acesso em 21.05.2019

12. Ver Céli Regina J. Pinto no texto “A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)”, *Lua Nova*, São Paulo, 100:119-153, 2017.

13. Referência à obra “*O Retorno do Pêndulo*”, autoria de Gustavo Dessal e Zygmunt Bauman, texto que discute, dentre outros temas, o desejo de liberdade e o anseio por segurança no contexto da cultura contemporânea. Publicado pela Editora de São Paulo, Zahar, no ano 2017.

14. Acessar a análise realizada por Bárbara Albuquerque e Maria Santos de Souza Melo, no artigo “Bela, Recatada e do Lar: uma análise semiolinguística da matéria da revista *Veja*”. *Entrepalavras*, Fortaleza, V.7, p 343-365, Jan-Jun 2017 bem como o artigo “Bela, Recatada e do Lar: uma análise do discurso da matéria que pautou o debate de gênero nas redes sociais”, de autoria de Renata Barreto Malta e Suyene Correia Santos, na *Revista Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura*, V. 15, nº 02, Mai-ago 2017, pp. 446-466, ISSN 1809-9986.

Disponível em : <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/17800/15111>
Acesso em 20.04.2018

15. James de Mello Rodrigues realiza uma análise cuidadosa deste processo na *monografia* intitulada “Sergio Moro no discurso da Revista *Veja*: a construção jornalística do herói contemporâneo”. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2017, sob a orientação de Marcia Benetti.

16. Sobre a dimensão da crise brasileira, sugerimos o artigo de José Roberto de Toledo “ A era da desconfiança – Pesquisa inédita do IBOPE revela nova queda da confiança dos brasileiros nas instituições e seus conterrâneos e parentes”. *Revista Piauí*, 09.08.2018.

Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/era-da-desconfianca/>
Acesso em 11.12.2018.

17. Para um debate sobre a instauração do estado de exceção no Brasil sugerimos a leitura do texto de Maique Ângelo D. Wermuth e Joice Graciele Nielsson “A Indiscernibilidade democracia e estado de exceção no Brasil Contemporâneo: Uma leitura a partir de Giorgio Agamben.

Disponível em : <file:///C:/Users/Rita/AppData/Local/Temp/20662-126340-1-PB.pdf>
Acesso em 21.05.2019.